

Vitrine das  
**MÁSCARAS**  
ROMANCE

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Editoração**

ArtNer Comunicação

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Capa**

Roseilde Reis

**Impressão**

Graf Marques

**Revisão de texto**

Éverton Santos

**Imagens**

Banco de imagens

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

Oliveira, Jilberto Rodrigues de.

O48v      Vitrine das máscaras. /Jilberto Rodrigues de Oliveira.

- Aracaju: Editora ArtNer, 2023.

186p. : il.

ISBN: 978-85-69567-75-2

1.Literatura Sergipana

2. Romance

I – Título

CDU: 821.134.3 (813.7) -31

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

**EDITORA ARTNER**

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

JILBERTO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Vitrine das  
**MÁSCARAS**  
ROMANCE

Malhador-SE

EDITORA  
**ArtNer**

2023





## *Dedicatória*

Dedico esta obra a meus ilustres leitores. Sem os quais, não haveria sentido escrever um livro. Reconheço que são companheiros de minha jornada, pois vivem e compartilham das mesmas emoções. Como seria triste se não contasse com o apoio de vocês.





## *Agradecimentos*

Primeiramente agradeço a Deus. Em seguida, a todos aqueles que, de um modo ou de outro, contribuíram para que meus sonhos se tornassem realidade.





*“Para complicar a situação, nossa cidade foi acometida por uma peste muito contagiosa chamada de Covid-19, obrigando as autoridades a decretarem isolamento social por dois anos seguidos.”*



## Apresentação

**V***itrine das Máscaras* é um romance que foi escrito durante o isolamento social, fato que ocorreu entre os anos de 2020 e 2021, numa iniciativa adotada pelas autoridades sanitárias a fim de se evitar o contágio pelo novo coronavírus entre as pessoas. O novo coronavírus é o patógeno responsável pela transmissão de uma infecção respiratória aguda, denominada Covid-19, a qual matou milhares de pessoas não só no Brasil como também em outros países mundo afora.

Naquele período de isolamento, assim como a maioria dos seres humanos, fiquei confinado no recinto do lar. No entanto, encontrei na escrita uma forma de liberdade na qual, ao percorrer livremente ruas e cidades imaginárias, conheci outros mundos e criei novos personagens, seres com os quais passei a conviver diariamente. Desse convívio fantasioso, nasceu a presente obra narrativa em prosa que, em bom tempo, apresento.

Expostos os motivos que deram origem ao romance, tentarei apresentar de forma bem sucinta os principais pontos que marcam o enredo desta obra. Início prometendo que farei o possível para não adiantar algum spoiler. Porém, se não conseguir esse intento, queira me desculpar, por favor!

Assim que concluí *Vitrine das Máscaras*, passei a imaginar como seria a melhor forma de apresentá-lo sem que tirasse do leitor a curiosidade e o prazer de conhecer a obra. Depois, fazendo uma reflexão sobre tudo o que ocorre no enredo, cheguei à conclusão de que, nesta narrativa, é lançado um tremendo de

um esgarro na “vitrine” onde estão expostas as “máscaras” da sociedade atual. Pode ser que eu esteja equivocado e que o leitor tenha outra opinião diferente da minha. Tudo bem! É um direito dele e tem todo o meu respeito por enxergar os fatos sob uma ótica diferente da minha.

Não sei se fui feliz ao fazer uso das metáforas “vitrine” e “máscara”. No entanto, confesso que me apeguei a elas de forma apaixonada. E, não satisfeito, acrescentarei mais outra: “passarela”. Explico o motivo.

O ambiente em que vivem os personagens deste romance, apesar de ser fictício, em nada difere deste mundo real no qual vivemos atualmente. Nele, atuam atores oriundos de boas famílias, como a de Seu Zé Barata; religiosas ao extremo, no caso da beata Dona Eva Piedosa; péssimos caracteres, a exemplo de Dolores e seus comparsas; espertalhões, assim como o vaqueiro Biriba; honestos, como o representado por Padre Mel, e vítimas tipo bode expiatório, como o maestro Fênix.

Voltando às metáforas referidas acima. Numa sociedade hipócrita semelhante à de Terracota, as aparências estão longe de representar a essência moral do que realmente as pessoas são. Entretanto, posam de “bons mocinhos” e “boas mocinhas” durante todo o tempo. E a conduta delas na comunidade em que vivem é tida como modelo: vão à igreja regularmente, pertencem a uma entidade de classe, participam de campanhas de caridade, são bem relacionadas, enfim, estão engessadas num figurino de acordo com o modelo imposto pela moral, chancelado pelos bons costumes e adotado por todos os “cidadãos de bem”. Esses são os mascarados que se expõem na vitrine tendo por objetivo a contemplação, a admiração e, se possível, o culto pessoal. Diante das vitrines está a passarela, lugar apetecido por todos aqueles que portam máscaras. Exibir seu manto de hipocrisia é essencial, afi-

nal uma peça que veste um manequim, exposto em uma vitrine, só mede verdadeiramente seu sucesso quando sai do nicho em que está inserida e passa a desfilhar na passarela.

Em outro momento, me dei conta de que os “manequins mascarados” se assemelham aos fariseus do tempo de Jesus, pois eles, assim como os personagens que transitam no enredo desta obra, viviam das falsas aparências. Eram mestres nas formalidades e grandes defensores da moral. Diziam-se bem próximos dos céus, mas tinham o dedo ágil para apontar os defeitos do próximo. Não raras vezes, julgavam e condenavam a vítima a uma pena de morte como se perfeitos fossem. O caso da mulher adúltera, apanhada em flagrante delito, conforme consta no Novo Testamento, é um bom exemplo. Porém, aos olhos do Mestre, que tudo enxerga para além das aparências — a nossa vil carcaça –, eles não passavam de túmulos caiados; bonitos por fora, mas, no interior, repletos de podridão.

Irei ficar por aqui. Minha obra é apenas uma tentativa de fazer um contraponto de reflexão no sentido de mostrar que nenhum ser humano é perfeito — “Quem nunca errou que atire a primeira pedra.” — e que, pelo fato de sermos imperfeitos, não temos o direito de nos julgarmos santos, como Dona Eva Piedosa, personagem marcante desta história que lhes apresento. Julgar e condenar jamais. Os exemplos de hipocrisia contidos nesta obra não devem, certamente, ser modelo para ninguém. Basta conferir!

*O autor*



# Sumário

Dedicatória .....	5
Agradecimentos .....	7
Apresentação .....	11
I Voz sensata .....	17
II Julgamento .....	19
III Boas-vindas .....	21
IV Recepção ao maestro .....	23
V Seu Libório .....	25
VI Durante a janta .....	28
VII Credenciais de maestro .....	30
VIII Noite às claras .....	32
IX Avaliação preliminar .....	35
X Relatório do olheiro .....	38
XI Biografia do espião .....	40
XII Novas decisões .....	42
XIII Proposta irrecusável .....	45
XIV Sistema de segurança .....	47
XV Flagra .....	49
XVI Cuecas manchadas .....	51
XVII Evento misto .....	53
XVIII Perfil falso .....	54
XIX Passarinho fofoqueiro .....	56
XX Câmeras espãs .....	58
XXI Roupas sujas .....	61
XXII Sarau .....	63
XXIII Tiro no pé .....	66
XXIV Até tu, Dona Eva? .....	68
XXV Juntinho à espia .....	70
XXVI Na toca da serpente .....	73
XXVII Pegadas do crime .....	77
XXVIII Mais problemas .....	79
XXIX Porre .....	81

XXX	Dia seguinte .....	85
XXXI	Conversa de travesseiro.....	88
XXXII	Falando às paredes .....	90
XXXIII	Visita ao hacker .....	92
XXXIV	Mulher azarada.....	95
XXXV	Na rede .....	97
XXXVI	Saudação .....	99
XXXVII	Em tempo real .....	101
XXXVIII	Violeta em ação.....	105
XXXIX	Entre amigos.....	108
XL	Efeito Violeta .....	110
XLI	Tortura.....	112
XLII	Cortiço vertical.....	116
XLIII	Testa latejando .....	120
XLIV	Chantagens .....	123
XLV	Novos fatos.....	125
XLVI	Perfil Margarida .....	128
XLVII	Especulações .....	132
XLVIII	Dias sombrios .....	135
XLIX	Caranguejeira versus serpente .....	139
L	Balanço da situação .....	142
LI	Confissão adiada .....	145
LII	Volta de Dolores .....	148
LIII	Entrega das chaves .....	151
LIV	Dolores e comparsas.....	154
LV	Diante do padre.....	157
LVI	Lágrimas de jacaré.....	159
LVII	Problemas à vista.....	162
LVIII	Às ocultas.....	166
LIX	Nova armadilha .....	168
LX	Reações adversas.....	172
LXI	Volta ao cortico .....	175
LXII	Fogo na palha .....	179
LXIII	Última palavra .....	182
LXIV	Das recompensas .....	185



# I

## *Voz sensata*

Três anos após a chegada do maestro Fênix a Terracota, os membros do Conselho dos Homens e das Mulheres de Bem Terracotenses, a confraria, reuniram-se com o objetivo de tomar duras providências contra ele, deliberando, inclusive, acerca de sua expulsão da cidade.

No entanto, em meio à reunião, uma voz sensata se ergueu a favor do acusado. Mesmo reconhecendo que o caso era grave, diante dos boatos que circulavam por toda a freguesia, o Padre Melquias se colocou ao lado do maestro. Disse para todos os presentes que não seria admitido, naquela sessão, que alguém fosse julgado sem ter o direito à plena defesa, já que ali não se tratava de um tribunal inquisitório, onde os réus eram julgados e condenados à revelia, e que, por abusos semelhantes, muitas almas inocentes terminaram em fogueiras. Portanto, que fosse suspensa a sessão e que a remarcassem para outra data em que o denunciado deveria comparecer a fim de se explicar.

Ao agir dessa forma, o pároco Melquias, conhecido na comunidade por Padre Mel, sabia dos sérios perigos que estava correndo ao desafiar a confraria, dando oportunidade para que o maestro se explicasse. Ora, se estavam usando aqueles meios esdrúxulos com o objetivo de expulsar o dirigente da filarmônica paroquial, poderiam, no futuro também, usar os mesmos artifícios contra ele, principalmente pela forma ousada como se colocou em defesa do suposto perverso.

A interrupção da sessão não agradou nem um pouco à cúpula dos conselheiros. Todos eles estavam ansiosos para dar logo

por encerrado o caso, afastando de vez o maestro da filarmônica e o expulsando da cidade o mais rápido possível. No entanto, com a decisão do membro-mor da confraria, ficaram frustrados e traçaram outras estratégias para o dia em que o depravado comparecesse.

As notícias de que fora dada uma chance ao maestro para que se explicasse aos membros do Conselho em outra ocasião lhe agradaram muito, apesar de que não alimentava esperanças de absolvição quanto às acusações das quais era vítima. Em todo o caso, seria uma oportunidade de lavar a alma diante de seus algozes. Feito isso, desabasse o mundo sobre a cabeça dele que se sentiria em paz.

Quem não poderia dormir em paz, mesmo levando as acusações às últimas consequências, seriam aqueles que durante tanto tempo só trataram de espalhar boatos, motivados pela inveja e pela vingança.